


*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL	
Flavia Pedroza Lima	
Rundsthen Vasques de Nader	
DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR	
Felipe Bastos Maranezi	
Natalia Scarabeli Zancanari	
DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940)	
Leticia Souto Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA	
Carmem Lúcia Druciak	
DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE	
Leandro José do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE	
Erivan Cassiano Karvat	
DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16.....	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17.....	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18.....	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19.....	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20.....	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21.....	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22.....	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

CAPÍTULO 16

CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX

Data de aceite: 01/12/2020

José Roberto de Souza

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). UNIT, Laboratório de Estudos da História das Religiões - LEHR (UPE). Faculdade de Teologia Integrada (FATIN); Seminário Presbiteriano do Norte (SPN)

Paulo Julião da Silva

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-2016). Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação, no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades

Stefano Alves dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Seminário Presbiteriano do Norte (SPN-Recife-PE), Departamento de Cultura Geral. UPE, UVA e na FATIN

Josielson Lira Matos

Faculdade Batista do Paraná. Universidade Cândido Mendes Caixa Econômica Federal

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo relatar o surgimento e a reação do movimento fundamentalista protestante estadunidense, liderado pelo Rev. Carl McIntire, na primeira metade do século XX. Para isso, foram organizados alguns concílios fundamentalistas

que tinham como objetivo combater outros concílios que foram denominados de liberais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade e Religião, Fundamentalismo Protestante, Protestantes Liberais, Conservadores, Modernistas.

ABSTRACT: This paper aims to report the advent and reaction of the American fundamentalist Protestant movement, led by Rev. Carl McIntire, in the first half of the 20th century. For that, this movement arranged some fundamentalist councils to fight other ones that were called liberals.

KEYWORDS: Identity and Religion, Protestant Fundamentalism, Liberal, Conservative and Modernist Protestants.

1 | INTRODUÇÃO

O fundamentalismo protestante, que é fruto do início do século XX, “nasceu em meio à controvérsia doutrinária entre cristianismo conservador e o liberalismo”. (HINDSON, 2009, p. 26). Referindo-se a esse contexto nebuloso, em relação aos embates entre os fundamentalistas e os liberais que ocorrera nos Estados Unidos, bem como à saída de alguns professores do seminário de Princeton e abertura do novo seminário de Westminster, Gondim relembra:

Nesse tempo, a Igreja Presbiteriana sofreu duros abalos. Em maio de 1922, Henry Emerson Fosdick pregou um sermão liberal: “Vencerão os fundamentalistas?” Depois de transcrito e impresso, sob o patrocínio da Fundação John Rockefeller, 130 mil cópias circularam pelos redutos presbiterianos. Pouco tempo depois os fundamentalistas deu o troco. Proclamou um sermão não menos cáustico: “Vencerá a incredulidade?” De repente, os crentes presbiterianos viram-se diante de uma situação paradoxal: ou se tornavam “liberais incrédulos”, ou passavam para o lado dos “fundamentalistas reacionários”. Centenas de milhares de crentes partiram para igrejas independentes. Quatro membros do Seminário de Princeton saíram para formar o Westminster Theological Seminary. Já não havia retorno para o divórcio entre os liberais e os fundamentalistas. Esse cisma passou subitamente para muitas denominações protestantes históricas. Obrigados por escolher lados, muitos preferiram sair em busca de uma opção até então inexistente. Com igrejas rachadas, posições entrincheiradas, o mundo protestante experimentou um clima separatista sufocante. (GONDIM, 2003, p. 85).

Aparentando ter perdido a batalha contra o liberalismo teológico que tinha se infiltrado nos seus seminários, alguns professores chegaram à conclusão de que a melhor opção que restava era se retirar e formar um novo seminário. E foi o que aconteceu:

Incapaz de abalar a estrutura de Princeton para permanecer firme em sua herança bíblica, Machen¹ liderou uma retirada da faculdade, juntamente com estudantes que o seguiram, estabelecendo o Seminário Teológico Westminster, na cidade de Filadélfia, no ano de 1929. Ele e outros presbiterianos conservadores organizaram um programa de missões mundiais para contrabalançar o trabalho de missionários liberais enviados por suas respectivas denominações. Em um irônico movimento, a Igreja Presbiteriana do Norte examinou e exonerou Machen e seus colegas, classificando-os de heréticos e cismáticos, causadores de divisões (COUCH, 2009, p. 24).

O Rev. Carl McIntire, que estudou no Seminário de Princeton, chegando a ser aluno do Dr. J. Gresham Machen, relembra esse contexto histórico:

Quando eu ainda era estudante no Seminário Teológico de Princeton, em 1928, tive meu primeiro encontro na luta que então se faria e fiquei certo da existência do problema e da luta. O Dr. Pugh é membro da Junta de Diretores do Seminário Teológico de Princeton. O falecido Dr. J. Gresham Machen, professor do Novo Testamento, estava à frente da luta nas igrejas pela preservação do bom nome de Princeton. Conformar-se-ia o seminário com o programa liberal e inclusivista na igreja, ou permanecería fiel ao

1. John Gresham Machen (1881-1937) é tido por alguns historiadores como um dos últimos grandes defensores da teologia de Princeton. Cf. sua obra clássica em português, **Cristianismo e Liberalismo** publicada pelo Projeto Os Puritanos (2001). Ver ainda uma homenagem feita por esse mesmo projeto, num exemplar de 2006. Olson diz que, “um dos principais teólogos da reação fundamentalista foi J. Gresham Machen (1881-1937), presbiteriano conservador, leal à Confissão de fé de Westminster e às verdades atemporais descobertas e consagradas pelos teólogos protestantes ortodoxos dos séculos XVI e XVII. Além disso, havia forte ênfase à inerrância e verdade literal do registro bíblico e à falsidade da ciência e filosofia modernas, que eram céticas e evolucionistas. Machen deu seu grito de guerra com *Christianity and liberalism* [Cristianismo e liberalismo], publicado quando o fundamentalismo estava no auge da sua influência. Nesse livro, Machen se esforçou para desmascarar a teologia liberal, apresentando-a como falso evangelho e religião alternativa ao cristianismo”. (OLSON, 2001, p. 545-546).

seu padrão histórico? O Dr. Pugh uniu-se logo às forças que finalmente levaram à reorganização de Princeton de modo a colocá-lo em linha com tendências e correntes modernistas da época. O Dr. Machen era o autor do livro “O nascimento virginal”, “A origem da religião de Paulo”, “Cristianismo e liberalismo”, obras que se tornaram defesas eruditas da fé cristã. O seu livreto “Que é a fé?” levou-me à decisão de ir estudar em Princeton, de modo que eu pudesse estudar sob a orientação de um homem de tão grandes conhecimentos. Quando descobrir o que era a controvérsia e os seus problemas, e quando o Dr. Machen e o Dr. Robert Dick Wilson, professor do Velho Testamento, abandonaram Princeton para organizar um novo seminário, também fui com eles. (MCINTIRE, 1952, p. 156).

A criação de um novo seminário não foi suficiente para cessar os embates entre os fundamentalistas e os liberais. Santos (2004) lembra que:

A fundação do Seminário Westminster não colocou ponto final à controvérsia doutrinária dentro da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, conseqüentemente, não extinguiu a inquietação interior de Machen. Diante de indícios de que as tendências liberais haviam atingido até a Junta de Missões Estrangeiras, Machen passou a se preocupar com a condição doutrinária dos campos onde os alunos graduados em Westminster haviam de servir. Machen protestou veementemente contra o fato de a junta de Missões Estrangeiras ter apoiado um relatório intitulado *Rethinking Missions* [Repensando Missões], o qual, na opinião de Machen, era um ataque, do começo ao fim, à fé cristã histórica [...]. Juntamente com outros vinte e quatro líderes conservadores, Machen formou a Junta Independente de Missões Estrangeiras para acolher missionários conservadores e comprometidos com a doutrina calvinista. Mas os seus oponentes não deixariam isso por menos e, após várias articulações, a organização da Junta Independente de Missões foi declarada inconstitucional pela Assembléia Geral de 1934 [...]. Os membros da Junta Independente foram intimados a suspender suas atividades sob ameaças de sanções disciplinares. Como consequência, Machen foi levado a julgamento no seu presbitério, o qual se recusou a receber quaisquer justificativas que apresentassem questões doutrinárias. Machen foi assim despojado do ministério (p. 155).

Apesar de todas as dificuldades e resultados contrários aos seus esforços, Machen e os seus aliados não se deram por vencidos. Pelo contrário, eles continuaram com seus objetivos, dessa vez através da abertura de uma nova denominação:

Machen apelou à Assembléia Geral, onde seu recurso mais uma vez foi indeferido. A única opção deixada a Machen e a outros 5.000 conservadores foi a formação de uma nova denominação em 1936, a Igreja Presbiteriana da América, que mais tarde veio a chamar-se Igreja Presbiteriana Ortodoxa – OPC. Machen foi eleito o seu primeiro moderador (SANTOS, 2004, p. 156).

Todavia, como se não bastasse, essa nova denominação, apesar de tão pouco tempo da sua fundação, sofreu com disputas internas em função de aspirações políticas, opiniões divergentes em relação às interpretações escatológicas e também perspectivas diferentes quanto aos limites da liberdade cristã. Diante de tudo isso, o grupo se rompeu:

As tensões internas na nova denominação cresceram a tal ponto que, durante a segunda Assembléia Geral da OPC em 1936, Carl McIntire articulou a saída de Machen da presidência da Junta Independente de Missões e assumiu o posto [...]. Meses mais tarde, McIntire e alguns amigos deixariam a OPC para fundar o Sínodo Presbiteriano da Bíblia (ou Bíblico) (SANTOS. 2004, p. 156).

O grupo que saiu com McIntire, além de fundar a *The Bible Presbyterian Church* [Igreja Presbiteriana da Bíblia], criou também o Seminário Teológico da Fé (1938). McIntire organizou ainda o Concílio Americano de Igrejas Cristãs (1941)², o qual tinha a função de representar os fundamentalistas e a Associação Nacional de Evangélicos (1942). Todas as denominações, igrejas e indivíduos que se identificavam com a causa fundamentalista, sendo esses liderados por McIntire, criaram em 1948 o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), o qual servia como oposição ao Concílio Mundial de Igrejas (CMI), acusado de ser ecumênico e liberal. O CIIC foi fundado pelo Dr. McIntire “em Amsterdam, Holanda, filiando-se ao mesmo 111 denominações” (MACHADO, 1979, p. 5). Neste concílio, McIntire foi presidente desde a sua fundação, sendo reeleito consecutivamente até a sua morte em 2002.

2 | OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS FUNDAMENTALISTAS E OS LIBERAIS

Relatando o surgimento do Concílio Americano de Igrejas Cristãs, em oposição ao Concílio (ou Conselho, como alguns queiram chamar) Federal de Igrejas, McIntire expressa a sua alegria. Isso porque, mesmo diante das dificuldades, os fundamentalistas estavam alcançando o seu espaço:

Voltando, contudo, ao ano de 1941, nos Estados Unidos, vemos que alguns grupos de crentes na Bíblia, havendo recuperado as forças após tremenda perseguição e grandes sofrimentos, resolveram fazer alguma coisa para salvar a situação. Compreenderam logo que o meio eficiente de enfrentar o programa do Concílio Federal era organizar outro concílio de igrejas que tivesse por denominador comum as grandes doutrinas evangélicas, saísse a campo, levantasse bem alto o seu estandarte e confiasse a Deus o seu testemunho, para que Ele mesmo o abençoasse e defendesse. Em 1941, portanto, foi organizado o Concílio Americano de Igreja Cristãs. Os problemas que o criaram e algo sobre a sua história estão registrados minuciosamente em outro trabalho nosso – *A Reforma do Século Vinte*. Deus fez aparecer o Concílio Americano. Onde quer que o Concílio Federal fosse com o seu testemunho falso, o Concílio Americano ia logo levar o testemunho verdadeiro, segundo as Escrituras. Quebrou-se o monopólio do rádio pelo Concílio Federal; o domínio que ele exercia em Washington até para exclusividade de nomeações de capelães para o exército e a armada foi desafiado. Constantemente, e através de todo o país, o testemunho do Concílio Americano foi ouvido na defesa da Bíblia Sagrada e da fé cristã e

2. Este concílio era formado por 17 grupos religiosos, dos quais somente a Igreja da Bíblia era declaradamente presbiteriana (MACHADO, 1979, p. 5). Teve como objetivo também fazer oposição ao Conselho Federal de Igrejas, o qual possuía ideais ecumênicos.

histórica, em oposição ao pacifismo radical e a aproximação do comunismo por parte dos líderes do Concílio Federal. [...] Uma das últimas ilustrações da eficácia do testemunho do Concílio Americano foi visto na primavera de 1948. No dia 30 de abril de 1948, o Presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, recebeu uma delegação do Concílio Federal de Igrejas de Cristo na América que lhe apresentou um “Programa Positivo pela Paz”. O programa declarava os princípios pacifistas do Concílio e também dava expressão a alguns dos seus princípios socialistas. Imediatamente após aquela reunião em 13 de maio de 1948, uma delegação do Concílio Americano foi também recebida pelo Presidente dos Estados Unidos e lhe entregou um “Programa para a Liberdade e a Paz”. Deu primazia à liberdade; individual, deu ênfase ao ensino da Bíblia concernente ao direito e a responsabilidade do povo para estar preparado para defender-se contra o agressor. O presidente disse que estava satisfeito por haver encontrado um grupo de pregadores que não eram pacifistas. (MCINTIRE, 1952, p. 192-193).

Todavia, a “batalha” que estava acontecendo dentro de um espaço aparentemente restrito, ou seja, regional, ou no máximo nacional, não tardou para que os ventos do liberalismo protestante teológico soprassem noutros territórios fora do contexto norte-americano, fazendo com que os fundamentalistas não tardassem para reagir. É dentro desse contexto que surge o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, como reação ao Concílio Mundial de Igrejas. Além de ecumênico, tratava-se de um concílio que já tinha representantes do “mundo inteiro”³. McIntire menciona esse momento histórico:

O Concílio Americano de Igrejas Cristãs, portanto, na dependência de Deus, com a convicção de que esta é a sua vontade, na sua sessão anual em Detroit, Michigan 18 de outubro de 1947, faz aqui a seguinte convocação: Pedimos a todas as organizações eclesíásticas que creem na Bíblia e verdadeira sucessão protestante através do mundo a enviar ao menos um representante devidamente credenciado (mais de um, se assim desejarem) para esta convocação com o fim de organizar e estabelecer um concílio internacional de igrejas cristãs. A finalidade de semelhante assembleia seria adotar um nome, firmar um padrão expressivo das doutrinas evangélicas comuns, apresentar uma organização democrática representativa para dar testemunho construtivo do nosso adorável Salvador Jesus e, ao mesmo tempo, tomar posição contra o Concílio Mundial de Igrejas. Esperando no Senhor para promover e guiar os nossos passos em tudo, e entregando todo nosso destino nas suas mãos, indicamos a cidade de Amsterdam, na Holanda, como o lugar para a nossa primeira assembleia, a reunir-se de 12 a 19 de agosto de 1948. [...] A primeira resposta à convocação veio num editorial do *Christian Century*, intitulado “Tentando ainda fazer perecer o Movimento Ecumênico”. Trechos da convocação foram citados, e assim se exprime o artigo de fundo: “O Concílio Americano de Igrejas Cristãs tem procurado há anos destruir o Concílio Federal. Agora propõe levantar as suas intenções malévolas até o plano universal e tentar exterminar o Concílio Mundial no seu nascedouro, simplesmente porque as igrejas que são membros do Concílio

3. McIntire lista os representantes do Concílio Mundial de Igrejas, mostrando assim, além das denominações desses representantes, as suas múltiplas nacionalidades. Diz ele: “O Concílio Mundial de Igrejas organizou uma comissão de noventa membros, a qual será o corpo executivo do Concílio no interregno das sessões da Assembleia de cinco em cinco anos. Os membros desta comissão, segundo a lista organizada pelo escritório central em Genebra, em fevereiro de 1949, são os seguintes: [...]. Cf. a lista completa em MCINTIRE, Carl. **A Moderna Torre de Babel**, 1952, p. 175-178.

Federal declararam a sua intenção de unir-se ao Concílio Mundial. O fato de 25 denominações no Concílio Federal formarem apenas pequena percentagem das 124 contidas na organização, o fato de o Concílio Mundial ter no seu seio membros de organizações de fundo teológico conservador, o fato de toda agremiação no Concílio Mundial ter afirmado que aceita nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador – todos estes fatos não têm significação alguma para este pequenino grupo de fundamentalistas americanos, resolvidos no seu propósito de destruição calculada. Tal esforço para destruir o movimento ecumênico nesta conjuntura crítica na história cristã não é testemunho construtivo em favor do Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, é o testemunho da habilidade contínua do demônio para seduzir os homens, cujos olhos ficam cegos pelas suas próprias imaginações vãs para fazer a obra dele”. (MCINTIRE, 1952, p. 199-201).

Pelo fato desses concílios terem nomes parecidos, era comum (e às vezes ainda é) pessoas se confundirem entre eles, como também questionarem as diferenças. Foi o que ocorreu certa ocasião quando o Rev. McIntire procurou saber a possibilidade de um espaço no rádio para realização de programações que tinham o intuito de propagar a mensagem fundamentalista:

Em uma manhã quente e úmida de julho de 1948, entrei no escritório da National Broadcasting Company, Radio Center, em Nova York, EUA, para uma entrevista, já marcada com a sra. Doris Corwith, encarregada de assuntos públicos. Eu fora perguntar-lhes se a N. B. C. disporia de tempo livre para fazer irradiação transoceânica de Amsterdão, Holanda, da reunião destinada a formar o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Sua primeira resposta foi: “Eu falei com seu grupo, seus representantes, na semana passada, não foi?” ‘Não’, disse eu. Ela então mencionou seus nomes. ‘A senhora refere-se decerto ao Concílio Mundial de Igrejas’, sugeri. Ela desceu os olhos ao programa e folheto que eu lhe pusera nas mãos e leu o nome, Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. ‘Dois Concílios?’ perguntou. ‘Que é que há com os senhores? Por que não podem unir-se? Qual é a diferença?’ ‘Os denominadores comuns sobre os quais se erguerão ambos são muito diferentes’ respondi. ‘Um é amplo bastante para conter os católicos gregos e também os católicos romanos. Alguns católicos gregos já se uniram mesmo ao Concílio Mundial’, expus. ‘O outro possui um denominador comum sobre o qual somente igrejas protestantes, que sustentem o princípio histórico da Reforma, podem unir-se’. ‘Oh’, disse ela, ‘já compreendo. Os senhores são os fundamentalistas’. ‘Sim, alguns nos chamam assim; defendemos os fundamentos da fé’, repliquei. A sra. Corwith garantiu-me então que, se fosse concedido tempo ao Concílio Mundial de Igrejas, também o seria ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Mais tarde, quando já estávamos em Amsterdã, chegou um telegrama que nos informava ter sido reservado tempo para uma transmissão do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. (MCINTIRE, 1952, p. 11).

McIntire, respondendo à pergunta, que segundo ele é feita por milhões de pessoas, sobre o porquê da existência desses dois concílios, diz:

[...] Milhões de pessoas as fazem. Neste mundo que clama por unidade e paz, pergunta-se “Por que não de existir divisões nas forças cristãs?” Mas que são “forças cristãs”? Quais são as suas divisões? E quais as bases de

união e cooperação? Oh, há tantas questões de que nos cumprirá tratar! Não há praticamente diferença entre o Concílio Mundial de Igrejas, e o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, no que diz respeito à estrutura de sua organização. São ambos concílios de igrejas no plano mundial. Nenhum deles pretende ser uma super-igreja e ambos repudiam tal ideia. O Concílio Mundial de Igrejas foi constituído formalmente em Amsterdam, de 24 de agosto a 4 de setembro de 1948, quando representantes de 146 denominações e igrejas ortodoxas adotaram a resolução de constituição. Um retrato íntimo do Concílio Mundial, dado pelo Departamento de Relações Públicas do Concílio, em Genebra, Suíça, diz: "A comunidade do Concílio não é feita de congregações locais, ou paróquias, ou de cristãos individuais, mas antes de cooperações nacionais de igrejas, credos ou denominações tais como a Igreja da Inglaterra, A Igreja Reformada dos Países Baixos, A Igreja Metodista do Brasil, A Igreja Presbiteriana de Nova Zelândia, o Patriarcado de Jerusalém que é ortodoxo oriental, a Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos da América, a Igreja Luterana Evangélica da Finlândia, para mencionar apenas algumas". Do mesmo modo, pode-se dizer que a comunidade do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs não é feita de congregações locais, paróquias, ou de igrejas individuais, mas antes de corporações nacionais de igrejas. Há uma diferença entre os dois, entretanto, quanto às corporações admitidas em seu seio. O Concílio Mundial falou de si como representando "igrejas não-romanas". No boletim há pouco citado, lemos: "Estima-se, todavia, que oito de cada dez cristãos das igrejas protestantes e ortodoxas estão no Concílio Mundial em virtude de sua qualidade de membros". O Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, por outro lado, não inclui nenhuma igreja ortodoxa oriental, mas confina-se às igrejas que são protestantes e de sucessão cristã histórica. O concílio Internacional de Igrejas Cristãs, portanto, é o único e real concílio protestante. [...] Há outras coisas que os dois concílios têm em comum, dentro de certos limites, mas há também muita coisa em que diferem vitalmente. Seus clamores, seus propósitos, seus programas, suas crenças, mesmo suas reuniões são diferentes; tão diferentes, na verdade, que vão em direção opostas. (MCINTIRE, 1952, p. 12-13).

Há uma interessante observação feita pelo professor Pedro Vasconcelos em relação aos esforços e a militância por parte dos fundamentalistas:

A certeza era de que se estava a defender os fundamentos da fé cristã e a identidade cristã da nação, de tantas formas ameaçados. Além disso, o cenário apocalíptico vivido na Primeira Guerra induziu os protestantes conservadores a adotar posturas mais radicais. Para eles, de um lado, a grande guerra era sinalização do Apocalipse, por outro, a América era como um novo Israel, 'uma nova nação messiânica eleita para manifestar a guardar a verdade no mundo'⁴. (VASCONCELOS, 2008, p. 31).

Ainda criticando o procedimento do Concílio Mundial de Igrejas, além das suas práticas ecumênicas, McIntire relembra uma declaração oficial que foi adicionada à constituição desse mesmo concílio, que nos seus termos alega o seguinte:

4. Cf. **Ação dos Cristãos pela Abolição da Tortura**: Fundamentalismo, integrista; uma ameaça aos direitos humanos. São Paulo, Paulinas, 2001. p. 35.

a. O fundamento não é a pedra de toque pela qual a fé das igrejas ou das pessoas possa ser julgadas; b. Que o Concílio Mundial não se interessa em que as igrejas interpretam este fundamento; c. Que a reponsabilidade recai sobre cada igreja para decidir se quer cooperar nesta base. (MCINTIRE, 1952, p. 61).

Devido à exposição desses termos supracitados, McIntire levanta alguns questionamentos e ataca-os, mostrando haver uma mensagem contraditória, proporcionando uma abertura para o que ele identifica como “crentes” e “descrentes” comungarem da mesma doutrina:

Ora, isto levanta a questão de integridade, honestidade e moralidade. Se o fundamento não é uma declaração pela qual a fé das igrejas ou dos indivíduos possa ser julgada, torna-se claramente coisa sem significado alguma. Contradiz diretamente a declaração de que o Concílio “é a comunhão de igrejas que aceitam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador”. A comunhão firmada na aceitação de Nosso Senhor Jesus Cristo só terá significado verdadeiro se as igrejas que entram nessa comunhão possam ser julgadas por ela. É a presença de Cristo que determina a presença delas na organização. Se não é esta a significação, não há sentido nas palavras. Logo, a declaração deve ser e é pedra de toque. Colocar as duas declarações uma ao lado da outra é ridículo. Uma nega a outra. As autoridades que redigiram o ponto “a” foram bastante sagazes e compreenderam que não era suficiente para os seus fins, mas o que está na letra “b” satisfaz os seus propósitos na construção do seu idealizado Concílio Mundial. A batalha final será travada não no terreno do que as igrejas ou indivíduos “aceitam” – todos aceitam – mas no terreno da espécie do Cristo que aceitam. Assim que, o ponto “b” indicando que o Concílio não se interessava pela interpretação que as igrejas dessem ao termo “Deus e Salvador” se tornou necessidade imperiosa. Imaginemos um Concílio que se desinteressa sobre o que os homens creem a respeito de Cristo! Será possível! *Sursum corda!* Não será este o fato supremo que deve interessar às igrejas, pois diz respeito à salvação dos homens? Qual é a consequência disto? Abre as portas para os “descrentes” se unirem aos “crentes” é o fundamento para a igreja universal e apóstata. Destrói a unidade do testemunho em favor de um grande Deus e Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. Oferece a diversidade de testemunhos a favor de vários cristos e um testemunho unido para nenhum cristo particular ou seja para uma confusão de cristos. Que pensará Cristo desta atitude? É uma ofensa a Ele: é um insulto a sua pessoa. É a negação de tudo o que Ele é e de tudo o que Ele fez. A carne e o sangue revelaram esta fórmula e a declaração oficial aos planejadores do Concílio Mundial e nunca o Espírito do Nosso Pai que está nos céus. Aqui está o ponto crucial de todas as dificuldades e heresias do Concílio Mundial. Poderá pretender as bênçãos de Deus quando assim desrespeita o Filho? É aqui que começa o desvio do Concílio Mundial da fé cristã histórica. (MCINTIRE, 1952, p. 61-62).

McIntire, criticando a atitude de alguns que se dizem conservadores, mas que comungam com os adeptos do Concílio Mundial de Igrejas, chega a dizer que a doutrina proferida por esse concílio é proveniente dos demônios:

Os modernistas assumem o comando, enquanto os crentes na Bíblia pagam as contas. Os modernistas ajudam a determinar a natureza e o destino do ônibus; então eles arranjam o motorista e o condutor, enquanto os conservadores se satisfazem em ser os passageiros que pagam a passagem. [...] A Palavra de Deus não só nos proíbe sustentar e ter comunhão com a incredulidade, mas nos ordena a separarmos-nos deles e até a expormos e denunciarmos os falsos líderes. [...] As doutrinas dos modernistas no Concílio Mundial são doutrinas de demônios. (MCINTIRE, 1952, p. 179).

Tendo acusado o Concílio Mundial de Igrejas de ser não apenas ecumênico, mas também herético, o Rev. McIntire menciona a necessidade da existência de um novo concílio que sirva para contrapor. Eis, portanto, o motivo pelo qual McIntire justifica o surgimento do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs:

Daí o aparecimento do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs para insistir na “única interpretação” do Cristo apresentado nas Escrituras – e dar o seu testemunho claro, positivo, sólido e sem compromissos de sua fé naquele que morreu na cruz para nos salvar. O que se desprende ainda de tudo isso é que os homens se interessam mais em união do que em Cristo. Desde que não concordam sobre Ele, querem unir-se de qualquer modo, e usam o seu nome precioso apenas como pretexto e para esconder a desunião entre eles. Aí está a maldade. Em vez de se unirem pela fé no nome de Cristo, vão unir-se com a incredulidade e a confusão, e, para isto, tomam o nome de Cristo. Desde que para conseguir um movimento ecumênico não se podem unir pela crença no Cristo das Escrituras, vão unir-se de qualquer jeito e usarão “Cristo” para alcançar o seu alvo à sombra do prestígio do grande nome do “Deus e Salvador”, Usei o termo maldade acima: não o posso evitar. Há algo na alma crente que grita contra este esforço de tomar o nome precioso do nosso Salvador para traficar com ele e fundar organizações cujos alicerces contrariam tudo o que Ele ensinou a respeito de si mesmo. Ele há de julgar os homens por isto. A seção “b” contudo, destrói qualquer unidade de compreensão. Apresentar uma declaração em uma constituição e depois contrariá-la por meio de outras afirmações oficiais é formular um conceito de honestidade que até um pagão rejeitará. Os cérebros brilhantes que redigiam as letras “a” e “b” compreenderam que a sua tarefa não estava completa. Aqueles que não “acreditavam” e tinham “interpretação” diferente necessitavam de ter alguma certeza de que não seriam molestados e que gozariam de completa liberdade e igualdade. Para conforto dele foi escrito, então, o seguinte: “Cabe a cada igreja a responsabilidade de decidir se deseja cooperar nesta base”. A base é que não há base. O que se diz na constituição não quer dizer o que está escrito lá e assim a “declaração oficial” protege uma variedade de pontos de vida. É irracional isto. O ponto “c”, entretanto, trata do termo “comunhão” na constituição. O concílio é a comunhão de igrejas que têm pontos de vista diferentes a respeito de Jesus Cristo como Deus e Salvador. Chamaremos isto comunhão, na perspectiva de variedades doutrinárias? A responsabilidade está com cada igreja para decidir se deseja tal mistura. Este fato completa o quadro. A porta está escancarada e este é o fundamento da organização que pretende salvar o mundo! (MCINTIRE, 1952, p. 62-63).

3 | O CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO CONCÍLIO INTERNACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS

McIntire narra com detalhes a fundação histórica do Congresso que fez surgir: a escolha do nome do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs; sua Declaração Doutrinária; a citação de um dos preâmbulos da sua constituição; e as funções do próprio Concílio⁵:

Na tarde de 11 de agosto de 1948, entrei na Igreja Reformada Inglesa de Amsterdam, Holanda. Ali deveriam unir-se as sessões de negócios do Congresso convocado para organizar um concílio internacional de igrejas cristãs. A comissão de organização pedira que a instalação fosse no dia 11 de agosto de 1948, de modo que algumas providências preliminares fossem tomadas. A pequena igreja estava repleta; 150 pessoas estavam presentes, representando diversos países. [...] Na noite daquele dia, no templo da igreja reformada cristã, houve culto devocional e pregação. Duas mil pessoas enchiam o templo, espalhando-se até pelos corredores. [...] Na manhã seguinte, de volta na igreja inglesa reformada, fez-se a chamada dos delegados, cuidadoso exame das suas credenciais e só então foram reconhecidos. O nome de “Concílio Internacional de Igrejas Cristãs” foi adotado por unanimidade. Foi um ato simples; cantou-se um hino e fez-se uma oração. A organização nascente, fazia uso de cinco línguas estrangeiras e assim logo se entregou à tarefa de dar seu testemunho. Foi uma semana inteira de trabalho árduo. (MCINTIRE, 1952, p. 203-204).

Segundo McIntire, houve quatro classes de pessoas que participaram do congresso, as quais exerceriam funções distintas:

[...] primeiro, delegados oficiais, eleitos pelas respectivas denominações; segundo, observadores, também eleitos e enviados pelas suas igrejas como observadores; terceiro, conselheiros oficiais líderes nas igrejas que não tiveram oportunidades de escolher delegados, mas obreiros que concordavam com os fins e os planos do congresso e desejavam ter parte na organização do testemunho cristão perante o mundo. O privilégio de votar, todavia, foi limitado aos delegados oficiais. Os outros serviam em comissões e tomavam parte nas discussões e deliberações, mas sem direito ao voto. A quarta classe era composta de convidados especiais. Estes pertenciam a vários grupos, não estavam devidamente credenciados, mas estavam vivamente interessados no testemunho e no programa. Havia delegados oficiais de 47 igrejas, observadores oficiais de sete igrejas, perfazendo um total de 71 grupos, com os 11 convidados. (MCINTIRE, 1952, p. 210).

Para a formação do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, eis a lista das igrejas que foram representadas pelos seus respectivos delegados oficiais:

Igrejas e os seus delegados oficiais: Igreja Evangélica Boliviana (Bolívia); Federação de Igrejas Batistas (nordeste do Brasil); Igreja Presbiteriana Conservadora (sul do Brasil); Igreja Batista do Canadá; União das Igrejas Batistas Regulares de Ontário e Quebec; Igreja Presbiteriana Nacional do Chile; Igreja Presbiteriana de Cristo (China); Igreja do Evangelho de Cristo

5. Quanto a sua Declaração Doutrinária, o preâmbulo citado e as funções do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, Cf. em McIntire, Carl. **A Moderna Torre de Babel**, 1952, p. 204-208.

(China); Igreja de Cristo de Ch'ing Chie (China); Igreja de Cristo de Honan, Shansi, Kiangsi, Anhwei (China); Igreja Missionária (China); Igreja de Hsuan Sheng, Hwei (China); Igreja Metodista Livre (China); Igreja de Ling Liang (China); Igreja Betel (China); Igreja de Cristo no Noroeste (China); Igreja Batista do Sul Tsinan (China); Igrejas da Missão Quaker (China); Igreja de Cristo Chinesa (China); Igreja de Cristo Presbiteriana Conservadora (China); Igreja Cristã da Aliança Chinesa (China); Igreja Protestante Evangélica (Inglaterra, Igreja episcopal); Igreja Metodista Sião (Nigéria); Igreja Sião (Nigéria); Associação de Igrejas Batistas das Selvas (Peru); Associação de Igrejas Batistas de Bukidnon (Filipinas); Igrejas Batistas de Luzon (Filipinas); Conselho de Igrejas Batistas de Palawan (Filipinas); Comunidade de Visayan de Batistas Fundamentalistas (Filipinas); O Defensor das Igrejas da Fé (Porto Rico); Igrejas do Evangelho Associadas (Est. Unidos); Comunidade de Batistas da Bíblia (Est. Unidos); Igreja Presbiteriana da Bíblia (Est. Unidos); Igreja Protestante da Bíblia (E.U.A.); Conferência de Igrejas Fundamentalistas (E.U.A.); Igreja Católica Evangélica (E.U.A.); Igreja Metodista Evangélica (E.U.A.); Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares (E.U.A.); Igrejas Fundamentalistas Independentes (E.U.A.); Igreja Metodista Protestante (E.U.A.); Igreja Presbiteriana Ortodoxa (E.U.A.); Igreja Metodista do Sul (E.U.A.); Conferência Cristã do Rio Tioga (E.U.A.); Igreja Cristã Unida (E.U.A.).

Observadores oficiais: Igreja Metodista (Áustria); Igreja Metodista da França (França); Comunidades de Igrejas Evangélicas Independentes (Grã Bretanha); Igrejas Evangélicas Luteranas Livre da Noruega (Noruega); Igreja Reformada da África do Sul (África do Sul); Igrejas Reformadas Cristãs e Igrejas Reformadas (Holanda). **Admitidos por conselheiros:** União de Defesa Protestante (França); Liga Britânica da Suécia (Suécia); Igrejas Reformadas e a Associação Reformada da Igreja Reformada Holandesa (Holanda). **Além destes foram conselheiros e hóspedes especiais:** Igreja Evangélica Livre e Igreja Batista da Alemanha (Alemanha); Igreja Evangélica Livre e Igrejas da Missão Bíblica Francesa (França); Igreja Luterana Latviana; Igreja Livre da Escócia; Igreja Mennonita dos E.U.A.; Igreja Mennonita da Europa. **Outras organizações representadas:** Missões – Sociedade de Evangelização do Alasca; Associação de Batistas para Evangelismo Universal; Batistas pelas Missões Nacionais; Missão Geral de Ceilão e da Índia; As Crianças para Cristo; Missão Cristã Europeia; Missão Fundamentalista Universal, Congo Belga; Comunidade de Cristãos hebraicos; Junta Independente de Missões Presbiterianas; Missão Liebenzell; Missão Mino do Japão; Missão das Igrejas Cristãs Reformadas, Celebes; Comunidade Missionária para o Rádio Mundial. Instituições de Educação Cristã: Seminário Batista da Bíblia, Johnson City, N.Y.; Instituto Batista da Bíblia, Grand Rapids, Mich; Seminário Teológico da Fé, Wilmington, Del; Instituto Nacional da Bíblia, Nova York; Seminário Teológico do Norte da China; Seminário Teológico de Treinamento Espiritual – Nankin, China. Mais de cem visitantes especiais da Holanda e bom número de outros países estiveram presentes também. **Oficiais eleitos:** Presidente: Rev. Carl McIntire; Vice- Presidentes: Prof. J. J. van Dr. Schult; Rev. T. T. Shields; Rev. W. O. H. Garman; Dr. David Hedegard; Dr. Chia Yu Ming. Secretário Geral: Embaixador Arie Kok. Secretário Executivo: Rev. Henri F. M. Pol. Secretários: Rev. Francis A. Scheffer; Prefeito: A. Warnaar, Jr.; Rev. Rolf Lein. Tesoureiro: Rev. Ray F. Hamilton. (MCINTIRE, 1952, p. 211-213, grifo nosso).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou acertado no final do primeiro congresso do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs que o segundo congresso aconteceria nos dias 16 a 23 de agosto de 1950. Houve também sugestões para que o terceiro congresso se reunisse nos Estados Unidos em 1953, quando na ocasião haveria a segunda assembleia do Concílio Mundial. Como bem podemos perceber, os fundamentalistas uniram forças para o combate em prol dos seus ideais. Em outras palavras, um contra-ataque à proliferação dos ensinos promovidos pelo liberalismo teológico, agora não mais num ambiente localizado, mas no mundo inteiro. Justificando o progresso do fundamentalismo, em reunir vários segmentos ao redor do mundo, McIntire afirma: “Quando os homens se unem pela crença comum e resolvem honrar a Deus e a Sua Palavra, a Bíblia, há feliz comunhão vinda do céu, abençoada do Espírito” (MCINTIRE, 1952, p. 215).

REFERÊNCIAS

COUCH, Mal. **Os fundamentos para o século XXI**: Examinando os principais temas da fé cristã. São Paulo: Hagnos, 2009.

HINDSON, Edward E. O Significado histórico de Os fundamentos. In: **Os fundamentos para o século XXI**: Examinando os principais temas da fé cristã. São Paulo: Hagnos, 2009.

GONDIM, Ricardo. **Orgulho de ser Evangélico**: Porque continuar na igreja. Viçosa: Ultimato, 2003.

MACHADO, Jonas da Silva. **A Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil**: Origem e Expansão (Trabalho da cadeira de História da Igreja Brasileira, T. 3. Prof. Francisco L. Schalkwijk). Recife: SPN, 1979.

McINTIRE, Carl. **A Moderna Torre de Babel**. Recife: 1952.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SANTOS, Valdeci da Silva. **John Gresham Machen contra o liberalismo**: em defesa da fé cristã. In: Fides Reformata, Vol. IX, n. 1. São Paulo: CPAJ, 2004.

VASCONCELOS, Pedro. **Ação dos Cristãos pela Abolição da Tortura**: Fundamentalismo, integrismo; uma ameaça aos direitos humanos. São Paulo, Paulinas, 2001. p. 31 - 35.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98


S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora


Ano 2020

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020